

Narrativas e ativismos de mulheres negras na comunidade quilombola urbana**Narratives and activisms of black women in the urban quilombola community**

DOI:10.34117/bjdv6n8-050

Recebimento dos originais:08/07/2020

Aceitação para publicação:07/08/2020

Cleusa Albília de Almeida

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Docente no Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Endereço: Rua Maria Zélia Carneiro de Figueiredo, 870-a, Bairro: Igará III, Canoas/RS

E-mail: cleusa.almeida@canoas.ifrs.edu.br

Márcio Bigolin

Mestre em Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Docente no Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Endereço: Rua Maria Zélia Carneiro de Figueiredo, 870-a, Bairro: Igará III, Canoas/RS

E-mail: marcio.bigolin@canoas.ifrs.edu.br

Cristóvão Domingos de Almeida

Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Programa de Pós-Graduação em

Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT

Endereço: Av. Fernando Correia da Costa, Bairro: Boa Esperança, Cuiabá/MT

E-mail: cristovaoalmeida@ufmt.br

Débora Cristina Tavares

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e no curso de

Publicidade e Propaganda na UFMT

Endereço: Av. Fernando Correia da Costa, Bairro: Boa Esperança, Cuiabá/MT

E-mail: dedetavares@gmail.com

Jociene Carla Bianchini Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no curso de jornalismo na UFMT

Endereço: Av. Valdon Varjão, 6390, Nova Barra – Barra do Garças /MT

E-mail: jocienebf@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar a realidade da vida dos moradores da comunidade quilombola urbana Chácara das Rosas, RS, mais especificamente das mulheres negras. A discussão parte das narrativas dessas mulheres em relação à sua forma de vida, as percepções de sua própria história e forma de viver, o resgate das tradições e a luta para manter a comunidade em meio ao desenvolvimento urbano de seu entrono. A partir da coleta dos relatos, das observações e das

experiências cotidianas, apresenta um olhar para a construção da identidade e pertencimento ao local, contendo caminhos de lutas, conquistas e uma sensação de igualdade.

Palavras-chaves: Narrativa, Ativismo, mulheres negras, quilombola.

ABSTRACT

This study aims to present the reality of the lives of the residents of the urban quilombola community Chácara das Rosas, RS, more specifically of black women. The discussion starts from the narratives of these women in relation to their way of life, the perceptions of their own history and way of life, the rescue of traditions and the struggle to keep the community in the midst of the urban development of its surroundings. From the collection of reports, observations and everyday experiences, it presents a look at the construction of identity and belonging to the place, containing paths of struggles, achievements and a sense of equality.

Keywords: Narrative, Activism, black women, quilombola.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo debater sobre os ativismos sociais das mulheres quilombolas, para isso, inicia aproximando das palavras da autora Angela Davis (2013, p.10) em sua obra *Mulher, Raça e Classe*, em que faz a seguinte reflexão: “se e quando um historiador contar corretamente as experiências das mulheres escravas ele ou ela terão feito um inestimável serviço”. Isso significa que não é apenas pela acuidade histórica que esse estudo deve ser conduzido, mas pelas lições históricas dessa era escravagista e que poderá acender a corrente da batalha das mulheres negras e todas as mulheres pela emancipação. E a nossa equipe como pesquisadores (as), apenas podemos propor algumas atividades e destas tecer ou mesmo analisar algumas narrativas as quais podemos chamar de manifestos de algum tipo de literatura e mesmo espaço para ouvi-las e quem sabe emancipá-las em uma dinâmica de respeito às suas histórias de mulheres negras em um quilombo urbano como é o caso da Chácara das Rosas.

Este trabalho conta com as algumas narrativas das mulheres negras deixando-as muito livres para expressarem seus sentimentos desde o início do quilombo até os dias atuais.

A título apenas de entendimento, o quilombo passou por uma grande transformação devido a sua localização, pois está situado no bairro Marechal Rondon, região central da cidade de Canoas no estado do Rio grande do Sul. O Quilombo Chácara das Rosas é o primeiro quilombo urbano do Brasil e, com o crescimento da cidade, vem sofrendo diretamente com estas modificações. No ano de 2018, foi inaugurado no bairro um dos maiores shopping centers do Rio Grande do Sul. Esta inauguração trouxe uma valorização no bairro, agregando valor aos imóveis, maior visibilidade e

circulação de pessoas. Ocorre que, essa transformação gerou para os quilombolas sua supressão em meio ao crescimento.

Desde 2018 para cá foi perceptível o quanto essas mudanças afetaram também sua forma de vida. Se antes atuavam para manter vivas sua cultura, sua história de luta e resistência dos escravos refugiados, uma vez que muitos deles vieram fugidos dos engenhos e das fazendas no período da escravidão, após a transformação e desenvolvimento do bairro estas ações já não são percebidas tão facilmente. Com o desenvolvimento econômico, sobretudo as mulheres sentem-se sem formação para debater e propor encontros formativos para a juventude. E nesse sentido, os bolsistas voluntários, sob a orientação dos docentes fizeram oficinas que ajudassem a dinamizar o diálogo sobre empoderamento feminino, e mesmo sobre a questão do ser e estar em uma comunidade quilombola urbana.

A atividade foi organizada e realizada em formato de roda. Os estudantes apresentaram trechos de textos de autoras negras e posterior, convidaram as mulheres a debaterem sobre o assunto trazendo suas experiências de vida de modo que pudessem apresentar o entrelaçamento entre os textos e suas realidades.

com a proposta de leituras e foram disponibilizados vários trechos de textos de autoras negras e assim foi feito debates sobre os trechos e as mulheres trouxeram suas experiências de vida, quais dos trechos estavam ligados à sua realidade.

Desta forma, este trabalho colabora com as atividades e mesmo com a formação de identidade dessas mulheres que estão em meio aos seus trabalhos fora do quilombo buscando reavivar a cultura de seus antepassados e mesmo formar novas lideranças com desejos de lutar e resistir.

2 COMUNIDADE LUGAR DE PERTENCIMENTO, PARTILHA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A noção de comunidade em Tönnies (1947) recebe influência da psicologia individual. Ele parte da ação individual dos sujeitos para compreender as interações sociais coletivas, concebidas como relações orgânicas, ligada às necessidades vitais das pessoas e reflexiva, caracterizada pelo predomínio do pensamento. Essas relações dizem respeito às ações dos sujeitos nas interações que mantêm entre si e com o outro.

A comunidade foi pensada por Tönnies (1947) enquanto organismo vivo e dinâmico que contribui com os valores identitários. Já os valores na sociedade reforçam e aprofundam as diferenças. Estas se materializam na artificialidade das trocas sociais, no individualismo exacerbado,

na manutenção das desigualdades, no alto grau de competitividade. Nesse contexto, enquanto, na comunidade, as relações sociais visam as interações coletivas, a sociedade preza pelo isolamento, desigualdade, descarte e competição.

Tönnies (1947, p. 65) constata que “[...] se na comunidade os homens permanecem unidos apesar de todas as separações, na sociedade permaneceriam separados não obstante todas as uniões”. Nesse sentido, existem diferenças e tensões entre comunidade e sociedade. A comunidade pode ser compreendida como um sistema dinâmico e aberto às possibilidades nas relações sociais, favorecendo, por exemplo, a organização social comunitária e a participação dos sujeitos. Por sua vez, a sociedade é vista como interferente no espaço comunitário. Isso se justifica, de acordo com o autor, porque o sistema capitalista com a sua fase acentuada ao neoliberalismo interfere, de maneira acentuada nos vínculos sociais, deixando as experiências fragmentadas e com forte apelo ao individualismo, acarretando a competitividade, que gera a desintegração e disputas no seio da comunidade.

Dialogando com Tönnies (1947), Weber (1987) reforça que a comunidade é o espaço de relação social que se baseia no sentimento dos sujeitos de pertencerem a um mesmo espaço. Desse modo, o autor opôs comunidade à sociedade, ao afirmar que, na sociedade, a relação social é motivada por interesses ajustados racionalmente.

O autor sustenta ainda, que a base da existência de uma comunidade é o pertencimento. Entretanto, deve ser ressaltado que há uma linha tênue entre pertencer a um determinado grupo, ser excluído dele ou, simplesmente, movimentar-se em direção a espaços onde o sujeito é aceito e valorizado. Essa movimentação em busca do pertencimento não isenta o sujeito de observar as regras atuais estabelecidas pelo conjunto da sociedade.

No esforço teórico, compreendemos que a comunidade, conecta-se com a realidade sociocultural e comunicativa dos sujeitos, valorizando as experiências, os convívios e as vontades humanas (TÖNNIES, 1947), a solidariedade, a compreensão, o respeito (MUÑOZ, 2003), as mobilizações que surgem em busca da igualdade e da justiça social. São dimensões que ajudam a dar sentido às interações sociais que se estabelecem no espaço comum. Sendo assim, a noção de comunidade deve ser compreendida como lugar de múltiplas possibilidades, sem perder de vista, evidentemente, as tensões e os conflitos existentes no seu interior, mas ressalta-se que os grupos sociais têm potencial para lidar com essas diferenças. Esse processo de encontros e desencontros faz parte da dinâmica da vida comunitária, embora os vínculos duradouros favoreçam a superação das tensões, ajudando, assim, a afirmar os valores e as práticas coletivas.

3 A COMUNIDADE QUILOMBOLA CHÁCARA DAS ROSAS

No início da década de 1940, os remanescentes de quilombo, João Maria Genelício de Jesus e Rosa Correa de Jesus se instalaram numa região conhecida como Barro Vermelho, no município de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

Consta no relatório sócio-histórico e antropológico produzido pelo convênio INCRA/FAURGS (2006) como peça técnica para o processo de regularização do território da comunidade Chácara das Rosas que o casal, com doze filhos, adquiriu as terras com a venda de lenha. A região foi escolhida por ser área rural, com grande extensão de matas nativas, formada por chácaras que majoritariamente eram usadas para criação de animais e casas de campo. E, como a atividade econômica dos remanescentes de quilombo era a extração e a venda da lenha, o lugar era propício. Outras características também devem ser levadas em conta: as vias de acessos, as proximidades entre as cidades São Leopoldo, Novo Hamburgo, fatores que possibilitavam os deslocamentos para a comercialização dos produtos.

Na década de 1970, o município passou por diversas mudanças, dentre elas, o processo de urbanização que transformou, o atual bairro Marechal Rondon onde está localizada a comunidade Chácara das Rosas, numa das regiões mais valorizadas do município, acolhendo edifícios residenciais e comerciais, além dos principais supermercados e shopping center, isso demonstra a evolução e a circulação de pessoas na localidade. Sobre esses avanços o relatório antropológico destaca:

[...] Atualmente, o território da comunidade Quilombola Chácara das Rosas, está situado em uma das áreas imobiliariamente mais valorizadas da cidade de Canoas. Uma grande quantidade de casas e condomínios vem a algum tempo sendo construídos e comercializados, visando principalmente um público de alto poder aquisitivo. (INCRA-FAURGS, 2006, p. 93).

Com adequações na infraestrutura, o bairro Marechal Rondon passou pelo processo de valorização do setor imobiliário, atraindo a classe social com poder aquisitivo elevado e, em consequência, os moradores de baixa renda, com pouca estrutura financeira sofreram pressão para vender suas propriedades, resultando num processo de separação entre as classes sociais, conduzindo esses moradores para bairros mais distantes, sem infraestrutura urbana e, conseqüentemente, menos valorizados.

Entretanto, os remanescentes de quilombo resistiram e continuam a resistir a especulação imobiliária e as tentativas de desconstruir a imagem e a territorialidade da comunidade Chácara das Rosas. Os moradores da comunidade vivem rodeados de condomínios de alto padrão, hipermercados e como já foi dito, mais recentemente foi inaugurado um dos maiores shoppings do município, mas

mesmo assim, os remanescentes de quilombo lutam para manter o pertencimento da vida em comunidade, com as suas formas tradicionais de ocupar o território, preservando costumes, memórias, culturas e atividades que mantêm o coletivo de modo harmonioso, mesmo enfrentando as ausências do poder público na localidade, pois eles, não têm acesso aos serviços públicos básicos, como energia elétrica regularizada, água potável e esgoto.

Chácara das Rosas recebeu o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares como uma comunidade quilombola urbana e é formada por três núcleos familiares: Pinto, Santos e Genelício. De acordo com Lima (2017), os moradores da comunidade, em sua maioria é constituída por negros e pobres e essa condição étnica destoa da ocupação do bairro que atualmente são brancos e de classe média alta. Isso fez com que a área de aproximadamente 3.600 m² se transformasse num território de disputas, lutas por direitos, pertencimento e resistência das identidades étnicas.

4 NARRATIVAS DE VIDAS: APROXIMAÇÕES, HISTÓRIAS E ATIVISMOS

O primeiro contato com os moradores da Chácara das Rosas ocorreu no início de 2019. A coordenadora da comunidade Isabel Cristina, mesmo com a saúde debilitada nos acolheu, com o forte desejo de relatar as marcas do anúncio e da denúncia (FREIRE, 2006) que vivenciam no cotidiano da comunidade. Ela anuncia algumas conquistas de direitos, dentre eles, a luta pelo reconhecimento do local como comunidade quilombola e denuncia os desafios enfrentados especialmente a necessidade de formação aos jovens e as buscas em prol da preservação da memória, arte, religiosidade, costume e tradição.

Claudinin e Connelly (2011, p. 18) mencionam que “a pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também relatadas pelos pesquisadores”. Com esse propósito prosseguimos com a narrativa da coordenadora da comunidade: a primeira lembrança que reúne mobilização, trabalho árduo de convencimento às instâncias institucionais e alegria quando as 24 famílias que residem na Chácara das Rosas, receberam do Incra, em 2009, a titularidade oficial da área de 3.619 metros quadrados.

Nas conversas com Isabel, ela fazia questão de reafirmar a conquista da área e as diversas “idas e vindas por que não contamos com apoio institucional, o que a gente teve foi a mobilização e a vontade para o reconhecimento”. Após quatro encontros com a coordenadora tivemos que interromper os contatos por conta do agravamento da sua saúde. Com isso, passamos a conversar com outros moradores e observar as ações organizativas implantadas por Isabel, principalmente, os aspectos culturais. Ela incentivou a família Genelício a organizar as celebrações e as festividades

de matizes africanas. E, também os ativismos sociais iniciados na sua gestão especialmente a conquista e execução do projeto das casas de alvenaria para os moradores, antes as casas eram de tábua, algumas sem reboco e sem banheiro no interior da residência. As casas deixadas pelos primeiros moradores eram de alvenaria com bastante precariedade e estas não tinham o saneamento básico de água e esgoto. Em parceria com o INCRA e a prefeitura foram realizadas essas implementações. Outra ação presente no cotidiano da comunidade é a geração de renda com a produção do artesanato e a padaria, o artesanato se dá de forma não estruturada, mas há algumas mulheres que fazem artigos da religiosidade do candomblé como colares de miçangas e também produção de tapetes de retalhos e de crochê para serem comercializados nas feiras. A padaria, com equipamentos industriais, está desativa por conta dos conflitos internos, dos embates na aquisição de produtos e a pressão de empresas locais para evitar concorrência.

Os próprios moradores reconhecem o trabalho da coordenadora *“enquanto ela pode organizar e chamar o quilombo para essas festividades, a gente vivia muito alegre com a união das famílias embora com tantas diferenças”* (ISABEL, 2019). Para além das conquistas materiais, Isabel travava uma luta simbólica, incentivo aos estudos como processo de conscientização e transformações sociais e uso das indumentárias que identifica a população negra, tais como turbantes, roupas coloridas e assessorios.

Neste sentido, o incentivo de Isabel pelos estudos, nos permite citar Freire (1990, p. 26), quando destaca que o acesso politizado dos sujeitos à pedagogia crítica lhes confere o direito de participar das decisões de transformar o mundo, incluindo nele, as múltiplas vozes marginalizadas, ora silenciadas.

Os moradores recordam que a filha de Isabel é quem fabrica os acessórios para uso dos moradores e para comercialização nas feiras em parceria com a prefeitura de Canoas e de Porto Alegre.

A preocupação sempre foi com a tomada de consciência e autonomia dos moradores, muito embora, Isabel carregava consigo uma preocupação *“minha grande tristeza é saber que meu povo acomodou diante das tantas coisas recebidas pelo governo, pelas instituições de ensino que fazem pesquisa e desenvolvem projetos de extensão, meu povo se acomodou e contra o comodismo não há luta que vença”*.

Título: Atividade de convencimento sobre a localidade. Fonte: Acervo de Isabel.



Essa narrativa materializa o sentimento das pessoas que atuam com os movimentos populares e eterniza a necessidade de se buscar o pertencimento ao local, sem cair no jogo dos dominadores, doam pensando algo em troca e guardam as resistências para que outras pessoas mobilizem as pessoas a lutarem.

Isabel faleceu, no natal de 2019, aos 45 anos de idade. Nas redes sociais ela foi lembrada como a grande líder do quilombo urbano Chácara das Rosas.

Oiá inicia a condução de sua filha para o Orum, agora o espaço dos Orixás e Ancestrais ganham uma grande guerreira. Isabel Cristina Genelicio, Mãe, Mulher, Negra, Yalorixá, Líder Quilombola estará sempre em nossa memória e coração, gratidão por toda história de luta e aprendizado que tivemos juntos. (fonte: Facebook, 2019)

Essa manifestação reivindicando a proteção e acolhida dos orixás indica outra ação efetiva de Isabel na comunidade, a construção de um Centro de Umbanda, entretanto vale mencionar que nas vivências comunitárias se praticam além da religiosidade ancestral, a cristã e as pentecostais. É importante destacar que há convivência entre as práticas e partilhas da religiosidade, tanto é, que ocorre a continuidade dos encontros e dos rituais no Centro de Umbanda. E cabe ressaltar que parte dos artesanatos produzidos pelas mulheres quilombolas são para os pais de santos de outros quilombos.

5 PROTAGONISMO E ENGAJAMENTO DA MULHER

Antes mesmo da partida de Isabel para outro plano, a jovem Geane Santos assumiu a coordenação da comunidade quilombola. Ela é mãe de cinco filhos e separada. É importante destacar essa condição social por conta da responsabilidade que assume frente a comunidade e do seu trabalho exaustivo de diarista, com longa jornada, visando melhorar os rendimentos para o sustento familiar, uma vez que não recebe auxílio e apoio dos ex-esposos para a educação e cuidados dos filhos. Aliás, observamos que essa situação ocorre com outras mulheres negras da comunidade especialmente àquelas que assumem trabalhos domésticos, e, com a instalação do shopping center na localidade, elas são empregadas nas empresas terceirizadas de limpeza dentro do shopping, inclusive a própria Geane trabalha em uma empresa terceirizada e, no período de pandemia do Covid 19, em 2020, o salário foi reduzido, dificultando ainda mais a vida digna.

Nas atividades como coordenadora, ela revela preocupação e esforço para resolver a situação de conflito interno que se instalou entre os três núcleos familiares: Genelício, Santos e Pinto. O conflito causa desgaste nas relações interpessoais e afeta a mobilização do trabalho coletivo, é o que ocorreu com a horta comunitária, a família Pinto liderou o plantio, oferece espaço de plantio e colheita para os demais moradores, mas pela ausência de harmonia nas relações, o trabalho coletivo não ocorre.

A padaria instalada na comunidade também é afetada com os desacordos familiares. Criada com intuito de gerar e ampliar a renda dos moradores está paralisada *“não por falta de equipamentos, mas porque não se chega na divisão dos gastos”*. Na padaria os custos com energia elétrica são elevados, inclui também na lista de gastos, o custeio com os materiais para a produção de pães, ou seja, administrativamente, os empreendimentos coletivos precisam: aderir e cumprir os acordos, as regras, pagamentos dos gastos e divisão equânime dos recursos, caso contrário, uma parcela dos trabalhadores arca com o trabalho e com as dívidas, ocasionando prejuízos.

A coordenadora também comenta que essa situação às vezes interfere nas coisas simples, por exemplo, a solicitam para verificar o vazamento da água, mal uso de equipamentos que comprometem a convivência na comunidade e doença familiar. Numa proposta de coletividade, os próprios moradores poderiam mobilizar e cooperar para resolver situações rotineiras.

Título: Liderança quilombola. Fonte: Arquivo da pesquisa



O trabalho teve o intuito de ouvir as narrativas de vidas, porém nem sempre foi possível executar o cronograma estabelecido devido aos interesses coletivos e pessoais, por exemplo, os jovens preferem o acesso às redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*. Na grande maioria das casas que há jovens eles estão antenados nas redes sociais e como não tem outras atividades de seus interesses há pouca participação desse grupo nas atividades propostas, porém a coordenadora do quilombo e outras mulheres que participaram das oficinas de leitura e escuta de poemas salientaram várias vezes que esses movimentos precisam ser mais frequentes no quilombo como forma de voltar a dar vida na comunidade “*é uma comunidade festiva, porém precisa de alguém para organizar e assim unir mais as famílias*” e despertar nos jovens uma liderança efetiva e comprometida com a comunidade da qual fazem parte.

6 A VOZ DA EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE

Maria do Carmo de Jesus, 86 anos, é a pessoa mais idosa da comunidade. Ela recebe o título afetivo de vó. Casou-se aos 18 anos e se mudou para Santana do Livramento, no município de fronteira do Rio Grande do Sul. Nessa localidade permaneceu por doze anos. O casamento não prosperou, e ela decidiu retornar, com seus filhos, para Canoas. Ao ser questionada sobre o pertencimento na comunidade ela disse:

Meu vô era lanceiro, escravo negro. Eu tenho uma prima minha que mora em Baruerê, que ela tem a lança que ele deixou. Ela não mostra a ninguém, ela tem um ciúme daquela lança. Ele foi um negro e escravo e eu tenho muito orgulho. Engraçado que minha mãe, nós “herdemo” isso aqui por causa da minha mãe. Que ela era filha do Manuel Barbosa Correa. Às vezes eu fico parada e penso ‘como é que Deus me deixou para ficar até essa data?’ Quatro gerações, eu agradeço muito, bah! (entrevista em 2019)

Dona Maria é comunicativa, acolhedora e disponível. Realizamos três entrevistas com ela, ao narrar sobre a formação da comunidade, ela explica:

Aqui não tinha nada, era tudo uns matos, muita sujeira. Daqui da minha chácara pra lá, era eucalipto. Lá na frente tem três apartamentos, aqui do lado já tem um pronto. Aqui não tinha nada por causa do campo. Cresceu demais e a gente ta no meio né? Por isso que eu falo pras gurias. Nossa, a gente tem que desenvolver. Eu amo os negros, eu amo o estudo, mas eu não pude desenvolver por causa que eu tinha que trabalhar para ajudar meus irmãos. Mas é bom estudar, a gente cresce. (entrevista em 2019)

As inquietações de dona Maria também são identificadas pela coordenação da comunidade e pela juventude. Sabem da importância da formação e da necessidade de valorizar a cultura negra, a religiosidade e os modos de fazer e viver a vida cotidiana (CERTEAU, 2010).

Título: Mulheres resistentes. Fonte: Acervo de pesquisa (2019)



Com a proposta de pesquisa-ação, sentimos a necessidade de contribuir com o processo formativo da juventude na comunidade, por isso, além da observação e entrevistas, propusemos oficinas para valorização da identidade negra. Iniciamos com a valorização dos elementos simbólicos: tranças, turbantes e o uso das cores nas indumentárias.

7 OFICINAS DE TRANÇAS E TURBANTES

Como forma de colher as narrativas sobre a cultura da população negra, utilizamos oficinas do uso do turbante e das tranças como símbolo de construção de identidade, pertencimento e

resistência. Antes da aplicabilidade da oficina, tivemos que nos preparar. Nos encontros do grupo de pesquisa fizemos leituras e discussões sobre a temática, identificamos histórias, documentários, podcasts com relatos de pessoas que lidam no cotidiano com tranças e turbantes, bem como as lutas e os preconceitos enfrentados para usar esses símbolos afro.

Para a oficina compreendemos que seria importante cinco mulheres de diferentes áreas de atuação profissional, são elas: a cantora Elza Ribeiro; a militante política Marielle Franco e as escritoras Conceição Evaristo; Carolina Maria de Jesus e Djamilia Ribeiro. Para a atividade foram preparados materiais em folha A4 com fitas coloridas contendo a fotografia e a história de vida de cada personagem. Disponibilizamos as imagens no centro do círculo e as participantes foram motivadas a caminhar pelo cenário e escolher uma história em que ela se via no processo e lhe despertasse interesse em saber mais sobre a vida dessa mulher, ou seja, a proposta foi colocar as mulheres negras, frente a frente da realidade enfrentadas por elas.

A partir dessa aproximação, passamos para o ato de falar e ouvir atentamente os sentimentos aflorados e as lutas que as mulheres negras já enfrentaram quando utilizaram os elementos e símbolos da cultura afro. O momento era de compartilhar as experiências e muitas relataram sobre racismo, os olhares desconfiados, a maneira como são vistas pela sociedade, a maior parte como mulher-objeto, mulher que sacia os desejos sexuais, mulher que deve estar limpando e cozinhando.

Uma das narrativas comoveu as participantes, ao ser abordada com a seguinte expressão *“elas são capazes, elas são bonitas com turbantes, mas essa não é o nosso mundo”*. Ou seja, em diversas ocasiões elas receberam incentivos, às vezes dos próprios familiares para alisar o cabelo para não *“sofrer na rua”*, sendo que algumas das participantes fizeram a técnica do alisamento para se sentir parte da sociedade, mas perceberam que continuaram sendo desprezadas, desvalorizadas e pouco reconhecidas.

Esses relatos aproximam das narrativas da anciã da comunidade, dona Maria do Carmo, quando diz *“muitas pessoas perderam o protagonismo, precisa conhecer suas origens e seus direitos”*. Se conscientizar da luta, das resistências, embora a sociedade promova estereótipos contra as mulheres negras, as enxergam como objeto, que podem ser exploradas e subjugadas, inclusive, não conseguem ver as mulheres negras em serviços de liderança, nos postos de trabalho de destaque como empreendedoras, políticas, gestoras e outros cargos, e, quando assumem espaços relevantes, o patriarcalismo se revela, inferiorizando-as pelo valor salarial e pela narrativa da incapacidade.

As mulheres ressaltaram ainda que é comum serem vistas pelo viés da dependência, do comodismo, da espera de assistencialismo e quase nunca são vistas pela dimensão do ativismo social, do protagonismo, pela valorização das suas habilidades e competências, ou seja, mesmo

exercendo a autonomia, uma vez que internamente sabem das suas potencialidades, elas são vistas como alguém que precisa de tutores. Essa tomada de consciência do seu modo de ser visto e de se apresentar na sociedade, diz muito sobre o conservadorismo que ainda é reinante na esfera pública, mas também contribui para que as mulheres percebam os seus valores, suas raízes e lutem para preservar a identidade e a memória do povo negro, dentro e fora da comunidade quilombola.

Deste modo, as ações populares e ligadas à tradição e cultura favorecem a inclusão de minorias, até mesmo, porque de forma geral, tais eventos são constituídos da classe não hegemônica

Título: Oficina cultural. Fonte: acervo de pesquisa (2019)



Sobre o turbante, símbolo da cultura negra, que sofreu apropriações culturais, evidenciando o uso em passarelas, transformado a peça em moda, foi importante mostrar para as participantes, os nós e as amarrações. Cada um desses elementos têm um significado de acordo com região ou tribo. Um dos significados do turbante, para os africanos, é proteger a cabeça que simboliza os pensamentos e a fé no divino. Essa mesma peça, dependendo do momento pode ser usada na cintura ou amarrada ao corpo para carregar os filhos. Sendo assim, as mulheres puderam compreender as raízes históricas, gerando interesse, fortalecimento da cultura e empoderamento feminino.

O empoderamento tem raízes nas lutas pelos direitos civis, principalmente no movimento feminista, assumindo significações que se referem ao desenvolvimento de potencialidades, ao aumento de informação e percepção, buscando uma participação real e simbólica que possibilite a democracia. (BAQUERO, 2001).

Neste sentido, o empoderamento é um desejo recorrente na vida de pessoas em vários contextos sociais, pois vem de um dos mais básicos direitos, a igualdade. E é justamente o desejo de igualdade que se percebe como sendo um dos motivadores da luta dos moradores da comunidade quilombola.

8 CONCLUSÃO

Os moradores do quilombo urbano Chácara das Rosas enfrentam adversidades, mas lutam pelo pertencimento ao local e para preservar seus valores, suas tradições, costumes, crenças e culturas dos antepassados. A comunidade nesses últimos anos busca, sobretudo, o fortalecimento da própria identidade a partir da memória, história e das lideranças em prol da autonomia e bem estar na comunidade.

Começaram a pensar que além de empregadas domésticas podem empreender, criar e serem valorizadas, pelo processo de conscientização e empoderamento, por isso, sentem a necessidade do retorno ao processo de formação escolar formal e também estão dispostos a praticar atividades formativas na comunidade que se consolide como espaço de desenvolvimento pessoal e profissional.

Empoderamento é a ação social coletiva de participar de debates que visam potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis. Esta consciência possibilita a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política. (KLEBA, Maria Elisabeth and WENDAUSEN, Agueda, 2009. n.p)

Esta necessidade de emancipação fica clara na atuação destas mulheres quando se percebem capazes de fazer algo mais além do trabalho doméstico.

Destacamos também a necessidade dos moradores da comunidade em ser ouvidos. O bairro foi se modificando, desenvolvendo e eles isolados e sendo vistos como as pessoas que atrapalham o progresso, por isso, as narrativas se pautam no saudosismo do tempo inicial e também na preocupação com o presente e especialmente com o futuro da comunidade, por isso, acreditam que o acesso aos estudos e trabalho podem abrir portas em condições igualitárias e mais humanizadas.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, M. **Reinventando a sociedade na América Latina**: cultura política, gênero, exclusão e capital social. Porto Alegre: Ed. da UFRGS / Brasília. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 2001

DAVIS Angela, **Mulher, Raça e Classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013. Primeira publicação na Grã Bretanha pela The Women's Press, Ltda. Em 1982.

KLEBA, Maria Elisabeth, WENDAUSEN, Agueda. **Empoderamento**: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Projeto Conselhos Gestores e Saúde: empoderamento e impacto na gestão Pública, 2009

LIMA, Sebastião Henrique Santos. **Comunidade quilombola Chácara das Rosas do município de Canoas/RS**: a trajetória do estigma à luta por reconhecimento, 2017.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SODRÉ, Muniz. Prefácio. In: PAIVA, Raquel. **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 7-11.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1947.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987.